

A organização operária perante o 1.º de Maio

Pela primeira vez em Portugal a organização operária não comemora o 1.º de Maio. Não o faz por comodismo ou por recuar a atitude que os seus objectivos lhe aconselham ou por se desviar da sua linha de conduta que constitui até hoje uma lição de coerência dada a uma sociedade em que a transigência faz lei, em que o interesse suplanta o ideal; numa sociedade que por todos os lados se dissolve, dando a todos o espectáculo horrível que produz um corpo que, aos poucos, se vai deluindo.

A atitude da organização operária representa a afirmação duma vontade que se não torce e a duma força que permanece, altivamente, firme no seu lugar sem se desviar duma estrada que por estar ladeada de túmulos e salpicada de sangue, lhe merece um respeito que se não compadecer com habilidades, nem se curva perante as circunstâncias em que se encontra.

A organização operária sabe quanto vale o 1.º de Maio para o converter numa comédia ou para o transformar numa farça de grande espectáculo, em que a má fé e a inconsciência se unam na mais deploável das alianças.

Ela entende que a comemoração não permite o pedido dum favor, nem consente que de chapéu na mão se mendigue para o operariado o direito que ele conserva inalterável através de anos de lutas corajosas e abnegadas.

Acima de todas as convenções, acima de todas as raças, através dos mares e dos continentes vibra uma alma universal e nobre unificada, em pensamento e sentimento, a ideia de um próprio caos uma ordem nova se elabora; de que o futuro exprimirá toda a justiça, toda a beleza, toda a verdade toda a liberdade que conduzirão o mundo a uma era decisiva para a perfectibilidade humana.

O 1.º de Maio não pode dissimular-se: a fisiognomia rude do operário que exprime o seu sofrimento e a sua generosa idealização nunca poderá usar uma máscara hipócrita e uma falsa expressão. A organização operária é o reflexo dessa fisiognomia que não mente e na sua atitude bastante clara—a única atitude lógica que o momento aconselha—representa o sentir do operariado.

Este ano, ele não comemora o 1.º de Maio, deixando de se efectuar os comícios e sessões que se costumam realizar em todo o país. Mas não será o silêncio que ele a si mesmo nobremente se impõe como a mais dignificante atitude, nas circunstâncias em que ele actualmente se encontra, uma comemoração bastante significativa?

Um passado que não quer morrer

No ano passado, no número comemorativo do 1.º de Maio deste jornal, publicámos um pequeno artigo com o mesmo título que encina este.

Nesse artigo apreciávamos as diversas fases que então se observavam na secular e constante luta travada entre as duas grandes forças que eternamente se medem: a Tirania e a Liberdade, o Passado e o Futuro.

Examinávamos as características especiais desse momento e denunciávamos o perigo, apelando para todos os amantes da Liberdade, conjurando-os a unirem comunemente os seus esforços para a defesa dessa mesma liberdade e das parcas regalias usufruídas, cimentadas com o sangue e a dor dos lutadores das gerações passadas.

Hoje, limitamo-nos a saudar, através das tenebrosas grades do cárcere, todos os trabalhadores conscientes, todos os porfiados obreiros do Futuro, todos os lutadores da Liberdade que estão sempre dispostos a defendê-la, a mantê-la viva nas consciências não se detendo em face de qualquer natureza de sacrifícios.

...E se não dizemos nem fazemos, é porque mais não podemos...
Lisboa, 1-5-927.

Arnaldo Simões JANUÁRIO

O número de 'A Batalha' de hoje é de 6 páginas

Horário de trabalho As disposições legais

A secção editorial de 'A Batalha' acaba de editar, em folheto, o decreto-bolá, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 50. Aos assinados que desejem adquirir quantidade far-se-á um abtimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

O 1.º de Maio e a organização operária

De conformidade com as resoluções da organização confederada, não se realizam hoje no país comícios ou sessões comemorativas desta data

Os ideais de emancipação humana e os seus detractores

Os severos Aristarcos que se afeeroram pela conservação integral do existente, ou se febricitam por um retorno às épocas infastas do que já feneceu por caducárias influências dos carunchosos tempos, quando se congorxam por uma afirmação mais ouvida que fira os tímpanos dos velhos oráculos sociais, logo arrastam para terro a inutilidade e a impossibilidade da instauração da igualdade apregoadas.

Um tal demente anelo alterador do espírito bonacho do nosso povo ignaro, é um deletério produto das metafísicas revolucionárias. A igualdade impraticável desenhada, qual herma daminha em campo mal cuidado, no bestunio avariado dos mais extraordinários e enlouquecidos ideologos, se um dia viesse a ser imposta pelo triunfo dissolvente do desgarr das turbas indisciplinadas, trazia como consequência constrangedora a inumação penosa da própria iniciativa humana...

A competência despremiar-se ia na exaustoração bárbara, implacável, das nulidades dominadoramente enraivecidas—o estímulo e a concorrência perderiam o seu último alento progressivo nas garras excisoidas dos velhacos, das multidões em desassiso... A igualdade entre os homens, é a maior parvoíce que a inveja dos impotentes poderia conceber nas suas perigosas loucuras...

Assim, com estes papalotes de sábios oficiais, a encoberta e verdadeira significação dos ideais das ideias igualitárias, os doutos economistas e sociólogos das cómodas situações burguesas falam, empalmamente graves, como profundos e metoposcópicos examinadores, impecáveis das feições revolucionárias das doutrinas de remodelação social, num sentido humanamente livre e abastado, descobrindo falsamente nessas feições, vistas com o cansaço próprio dos senis, temperamentos diabólicos de desvalimento, caracteres perturbados de idiotismo...

Em síntese: a Humanidade, para viver à semelhança do Criador, tem precisão deste equilíbrio na mecânica das suas relações— a calamidade da miséria monstruosa aos pés esmagadores da Riqueza exclusiva e absorvedora, assentes em supedâneo doirado, mas opressante de domínio cruel!

Superomniamente assim está indicado pelas leis indiscutíveis da divindade celeste...

Se ainda subsistisse o que lemos há anos numa curiosa brochura de propaganda socialista... à imperialismo alemão, ainda poderíamos estender a mão de vencidos à palmaria contraditória dos nossos mestres em sociologia e psicologia estatais. Na citada brochura, cujo nome do autor a amnésia incompetência nos impede de trazer à fenestral contemplação dos leitores, faz-se o simulacro interessante duma revolução social pelo povo tedesco. O regime imperial, batido pelo descontentamento do povo escravizado, fôra derruído—em cuja queda pulverulenta se esbororara o trono militarista do kaiser e se espantára o predomínio do capitalismo.

Uma vez os socialistas senhores da situação e uma vez flutuantes nos quartéis, nos edifícios públicos e nas casas particulares o pendão escarlate da República Social nascente, os homens do novo Estado Vermelho trataram imediatamente de pôr em prática a igualdade socialista do Estado.

Essa igualdade, porém, saiu arregimentada, mercê de um marxismo pouco compreendido ou deturpado. A indumentária principiava a usar-se toda igual: o mesmo talhe, a mesma cor, o mesmo tecido. Nos refeitórios nacionais para o povo, a comida era idêntica e a louça irmã. Deu-se princípio aos dormitórios comuns e com leitos do mesmo estilo artístico.

Uma tal uniformização criou descontentes e estes, ainda pouco preparados para as grandes e mais perfeitas transformações de vida económico-social, deram com o exultante socialismo em terra. O pavilhão encarnado perdeu o seu cósme esplendor—e a burguesia voltou a reinar com os seus poderosos Stinnes. Em compensação, a experimentação fez com que as camadas proletárias evoluíssem nas suas ideias de resgate, embora ainda não atingissem a sua sociedade entressenhada...

Certamente os rebatedores das teorias da igualdade social, julgam que os seus doutrínarios ainda hoje concebem aqueles conceitos 'igualitários' inadmissíveis. Não pretendem automatizar o pensamento humano nas luctações duma mesma cabeça, e ainda muito menos caldear a diversidade de gostos num mesmo sentido de apreciação estética.

Os revolucionários-evolucionistas não invejam as vistosas toilettes que são de uso dos infantes da nova-riqueza após-guerre, desejando que as suas companheiras aristocraticamente se cocotizem e deixem, pelo decote da quasi nudez elegante, deliciar nas suas carnes caídas de pós a vista delirada dos babosos. Mas se não querem o mesmo figurino de roupa que igualmente é costume trajar entre os assilados dos estabelecimentos duma convencional cidade

ou entre as praças de um regimento de cavalaria em revista—acham, contudo, logicamente apetecível, e de praticabilidade humana, o direito que a todos assiste de poderem andar decente e confortavelmente vestidos e calçados...

Estamos como Zola, que evidentemente não foi um parvo: não nos inveja o que os outros trazem; o que nos indigna é que muitos luxem à nossa custa...

Na mesma forma caolino-feldspática das porcelanas da China, e com a mesma tinteagem paisagista e listrada, não é forçoso que todos comamos e bebamos—como em «folha-flândrica» vasos de quartel. Ao dispensar-se, porém, a configuração exacta e o peso matemático dos talheres do banquete, da vida, isso não quer significar que se prescindia, que se abdicava, da presença de Ceres a todas as mesas do ser humano: todos têm o direito e a igualdade de satisfazerem as suas necessidades de alimentação corporal e espiritual... E assim em tudo o mais...

Se é isto de impossível acesso? Para os gonfaloneiros do estado social presente, ou para os claros que sopram os recuos em direcção aos prístinos fulgores do absolutismo sambenital—talvez seja uma coisa mais irrealizável do que a «juízo-vênica» viagem à Lua.

Para nós, não—porque somos de parecer que a Terra não está somente predestinada a mudança e inversão de usos—nos mesmos, motivo por que a população sofredora do orbe há-de um dia determinado deixar de permanecer engaiado na sua escravidão milenária...

Os que pensam o contrário, ou fingem que assim raciocinam a sério, é que são os invejosos, que exclusivamente pretendem desfrutar as alegrias, os deleites, do bem-estar coartado soberbamente aos semelhantes...

Morre a competência, paralisa o estímulo com a igualdade dos direitos a uma existência abundante e feliz de todos os mortais habitantes de um país—do globo?

Colocadas todas as fontes de produção e consumo na posse da colectividade em

NOTAS & COMENTARIOS

De acôrdo

A questão do jogo continua a suscitar as mais opostas opiniões, num debate impressionante pelo entusiasmo e persistência em que é travado. Porém uma coisa única iguala os que discutem a batota e moral: os jornais—são todos campeões denodados da moralidade! Um só campo escolhem para defender os seus pontos de vista: o campo da moralidade!

E toda esta moralidade se juntou para chegar a esta conclusão: a regulamentação da batota, esquecendo-se, é ilário, os conteúdos de discutir se a batota é moral. Também não era preciso. Sobre esse ponto todos estão igualmente de acôrdo...

Um entrecho de opereta

Premeditou-se em tempos um projecto colossal, mirabolante, dum caminho de ferro eléctrico ligando Viana do Castelo a Arcos de Val-de-Vez. E como existia ainda a verba das reparações requisitou-se, ao abrigo dela, além do material circulante doze locomotivas e vinte e quatro rebocos.

A Alemanha satisfez a encomenda, a pesar da discordância da Comissão Inter-Alhada, devendo chegar brevemente toda a requisição feita pelos tais organizadores da linha. Por cá já não se pensa nisso, pelo que se conclue que as locomotivas e os rebocos ficam sem aplicação, devido a não serem da bitoea das outras linhas.

E aqui têm os leitores como consegue haver abundância de locomotivas para linhas que não existem o que deve ser pôsto em

contraste com a falta de locomotivas nalgumas linhas em exploração.

Que delicioso país de opereta!

Mais uma proeza

Recordam-se os leitores daquele assalto a um comboio, levado a cabo no México, com todos os requintes de selvajaria por uma horde de bandidos que se apoderou das riquezas que o referido comboio transportava e produziu uma tremenda chacina nos passageiros?

Pois agora um comunicado telegráfico publicado nos jornais informa todo o mundo que as autoridades daquele país, encarregadas de proceder à descoberta dos autores e instigadores do sinistro acontecimento, chegaram à conclusão de que os chefes do referido assalto foram três padres e um advogado.

Um desses padres, acrescenta o telegrama, julgado sumariamente, foi já passado pelas armas. Os assassantes tinham por fim apoderar-se das riquezas transportadas no comboio, necessárias para o custeio de uma planeada revolução contra o presidente Calles.

Tudo isto não deve, porém, passar duma fantasia urdida pelos herejes mexicanos para desacreditar a inocente Companhia de Jesus.

E as Novidades comentarão depois: frutos da educação sem Deus...

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

admiração, dos seus irmãos terrenos—e, melhor ainda, a sua própria satisfação moral e espiritual, pois é este o melhor estado psíquico que todos podemos desejar...

Os ideais avançados são produto correspondente duma inveja dos impotentes? Se assim fosse, não teriam tantos potentes, tantos sábios, tantos artistas e aristocratas até—rasgado os pergamínhos da sua condição fidalga e abandonado as palatinas comodidades dos seus faustos, para deserdinarem até à miséria e difundirem as suas doutrinas, e espalharem a bondade dos seus corações sentimentalistas entre ela...

Diógenes de SINOPE

O 1.º DE MAIO



A grandiosa manifestação do operariado

AS APARENCIAS NÃO VALEM

Falando aos herejes

Vindo sendo comemorado, já há muitos anos, o conhecido acontecimento de Chicago pelo operariado internacional, que reivindica simultaneamente o dia 1.º de Maio para a afirmação do pensamento revolucionário que o anima, parecerá que pouco frutuosa tem sido essa comemoração.

Na verdade, o observador superficial que neste instante abranja o mundo num golpe de vista ligeiro, ficará seguramente com a impressão de que, exceptuada a parte do Oriente ora em convulsão, têm resultado inúteis os esforços realizados através de muitos anos pelo proletariado organizado, tão densa é a onda de reacção que, depois da guerra, alastra Europa em fora, como que a pretender subvertê-la.

Não há dúvida que do choque violento entre o espírito novo e o espírito velho, enernado o segundo no capitalismo, o primeiro no proletariado, se afigura, por vezes, vir a sair triunfante o mais retrógrado, o que, se correspondem à realidade, traduziria uma inversão não só dos princípios sociológicos propagados, mas também uma negação das próprias leis da biologia, ciência que nos ensina que um organismo, à medida que se desenvolve, desenvolve em si os germes da sua destruição. Em última análise, apurarse hia um desmentido formal ao axioma de que o Progresso não pode ser delido na sua marcha ascendente, pois é tão irreprimível como o pensamento humano, embora haja criaturas de vistas curtas que pretendem convencer-se do contrário.

As sociedades, como a história no-lo demonstra, caminham sempre no sentido mais avançado. Pode a sua marcha não se fazer aos saltos, mas também se não faz para trás?

Há, por vezes, não recuos, mas paragens aparentes, perturbações momentâneas, e isto é tão certo como o facto das previsões dos sociólogos nem sempre corresponderem rigorosamente às realidades, cujo poder lhes é superior, o que todavia não quer dizer que os acontecimentos anulem aquelas previsões, pois uma alteração na ordem dos factores não é a mesma coisa que negar a existência dos próprios dos factores.

Em Portugal, como em outros países, vive presentemente o operariado um momento que parece ser de recuo. A muitas pessoas se afigurará que a propaganda realizada e a acção desenvolvida não corresponderam os resultados desejados.

E' verdade que estamos longe, mesmo muitíssimo longe, de haver atingido o que há duas décadas de anos prevíamos como certo, mas daí a sustentar que nada se conseguiu no terreno das realizações seria produzir uma afirmação inconsequente.

ria ter afirmado, se melhor coordenados houvessem sido os esforços das suas instituições e dos seus militantes. Não há dúvida que no que respeita, por exemplo, a condições de trabalho, viu-se sensivelmente melhoradas, como se poderá concluir se as confrontarmos com as de há um quarto de século; mas muitíssimo mais poderiam ter sido beneficiadas, se não fôssemos, acima de tudo, palavrosos impenitentes, entusiastas até à medida, um pouco propensos à acção, mas refractários a tudo quanto concerne a uma organização sistemática.

Não somos dos últimos a criar os órgãos necessários, mas o pior é que não lhes imprimimos um metódico exercício, e como não há organismos que tenham vida normal desde que não exerçam a função que lhes é peculiar, é óbvio que morrem, visto que viver uma vida artificial significa quasi sempre o mesmo.

E depois, temos cometido tantos erros! E o pior é que reincidimos na sua prática, pois em regra as lições da experiência não nos trazem ensinamento algum.

Assim é que, no momento delicado que decorre, encontramos-nos nas mesmas disposições de espírito em que estávamos há um ano. E se então a dispersão nos nossos arraiais era grande, menor não é hoje.

Porque vivemos sufocados, queixamo-nos, sobretudo quando estamos em família, e intimamente censuramos-nos por termos contribuído de algum modo para este estado de coisas. Mas na vida prática nada de apreciável fazemos para modificar a presente situação.

Neste estado nos vem achar o 1.º de Maio de 1927, que será certamente um dia de sol brilhante, embora em muitas almas haja dor.

Não será impossível que, volvido um ano, em pior situação nos encontremos, se nos não capacitarmos da necessidade de enveredar por caminhos menos invios.

Alexandre VIEIRA

A GUERRA NA CHINA

AINDA O INCIDENTE COM A RÚSSIA

Continua o exame dos documentos apreendidos na embaixada em Pequim

Procura-se demonstrar a cumplicidade do governo russo na revolução

PEQUIM, 30.—A pesar das reservas das autoridades sabe-se que são importantíssimos para a história dos acontecimentos da China os documentos apreendidos na embaixada da Rússia em Pequim.

Num gabinete contíguo ao quarto de dormir do embaixador foi encontrada, numa gaveta, uma pasta em cuja capa se lê comunicações secretas.

Dentro estava, entre outros papeis, a minuta de uma das notas enviadas ao ministro cantonense Chen pelo embaixador britânico, sr. Miles Lampson, durante o período das negociações relativas à concessão britânica em Xangai.

A margem da nota, e escritas em russo, estão várias anotações separadas por datas.

Supõe-se que se referem a comunicações

AS CASAS DE "PREGO"

A suspensão do decreto sobre penhores só interessou aos gananciosos exploradores deste ramo de negócio

Afinal, quando se esperava que o decreto sobre penhores entrasse em vigor surge uma nota oficiosa do ministro das Finanças prorrogando até 31 de Julho o prazo do comércio de penhores pela antiga taxa de juros e, consequentemente, autorizando os prestamistas a efectuarem a compra e venda dos artigos, podendo-lhe apenas como condição, o só poderem licitar nos leilões depois das contas feitas com os mutuários.

Todos os que vêm acompanhando esta maliciada questão dos prestamistas não de ter notado que ela se arrasta há muitos meses. E também ainda não esqueceram que, assim que os jornais falaram das intenções do ministro das Finanças em fixar uma nova taxa de juros, se levantou uma enorme tempestade contra essa pretensão na imprensa e dentro dos estabelecimentos de penhores.

A medida que nos aproximávamos da data marcada para a entrada em vigor do novo decreto—25 de Abril—essa tempestade tomava maior vulto, ameaçando expulsar os empregados, o que levou estes a tomarem uma atitude infeliz de defesa dos próprios patrões.

Todavia em notas officiosas o governo ia garantindo a sua intransigência, pois afirmava que a taxa de 2 e 3 % de juro era mais do que suficiente para o referido comércio.

Chegou-se ao convencimento de que assim era porque se adquiriu a certeza de que o comércio de penhores, tal qual existia, era uma refinada roubalheira, a que urgia pôr cobro.

Pois bem. Se assim é, porque se prorrogou agora o prazo, autorizando-se por mais 65 dias a exploração dos mutuários?

De duas uma: ou não havia a certeza de que a nova taxa de juros era exigida e por isso se prorrogou o prazo, ou se foi ao encontro das ambições dos penhoristas.

Qualquer das hipóteses é inaceitável. O público aguarda há muito tempo, e já com certa impaciência, que o assunto seja resolvido. Ou se aceita a nova taxa ou fica-

mos como estávamos. Não há meios termos.

Mais ainda: As condições impostas aos mutuários nas Casas de Crédito Popular não podem continuar. Em algumas dessas agências obriga-se o público a permanecer horas sem conta aguardando o momento de ser recebido.

Como isto não fosse suficiente, alguns dos que vão ali para empenhar os seus penhores voltam para casa desolados, porque não lhes aceitaram o objecto que iam depositar.

Por arbitrio dos empregados ou por obediência a ordens recebidas roupas que tenham uso, por muito pouco que seja esse uso, não se recebem.

No capítulo de avaliações a questão também é um pouco melindrosa. Um objecto que vale 200\$00 é avaliado por 40\$00.

E' devido a estas anomalias que parte do público foge das Casas de Crédito Popular. A taxa de juros que ali se cobra é na verdade a que lhe convém, mas a maneira como os depósitos são feitos e as condições em que eles se realizam desagradam-lhe.

Agora que se suspendeu a aplicação da lei, por motivos — repetimos — que não se compreendem muito bem, era o momento de melhorar os depósitos nas casas de "prego" do Estado, e assim o público demonstraria que se às vezes recorre à indústria particular de penhores, não é porque os juros dali lhe convenham, mas unicamente pelas razões apontadas.

Estamos ainda a 60 dias da entrada em vigor do novo decreto, tempo suficiente para esse trabalho. Se não se realizar assistiremos há o direito de sobre o assunto fazer os juízos que entendermos.

Devíamos essa explicação ao público e só a poderíamos dar no momento em que as nossas opiniões não servissem aos penhoristas para exploração. Esse momento não poderia ser outro que não fosse o da suspensão do decreto. Eis porque só vêm agora as considerações que há muito estavam reservadas.

ECOS DA REVOLUÇÃO

Ferroviários presos e deportados

A Comissão delegada da Federação Ferroviária e do Sindicato dos Ferroviários do Sul e Sueste, procurou novamente o presidente da república, que havia marcado a respectiva audiência, para dar uma resposta sobre a situação dos referidos ferroviários.

A Comissão foi recebida pelo sr. dr. Nobre da Veiga que em nome do presidente lhe transmitiu o seguinte:

Uma conferência com o ministro do Comércio sobre o assunto, tendo ordenado que as investigações se fizessem o mais urgente possível e que fosse usada a máxima benevolência para com os ferroviários.

Tendo a Comissão salientado o facto dos mesmos ainda se encontrarem presos, e que nada havia que justificasse tal facto, o mesmo sr. respondeu que o sr. presidente se interessava pela questão, e ficasse a Comissão descansada que justiça seria feita.

Espera a referida Comissão que estas informações se concretizem em factos, com a libertação dos ferroviários e o seu regresso aos caminhos de ferro.

As "demarches" continuarão amanhã.

Sindicato reaberto

A Associação dos Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa foi reaberta antontem.

A força que ali conpareceu para evasuar as salas foi requisitada, alegando-se uma assembleia tumultuosa. As chaves foram entregues na mesma noite em que tal caso se deu.

AGREMIações VARIAS

Universidade Nacional de Instrução e Educação.—A 2.ª secção desta universidade, realiza hoje, pelas 20 horas e 30 minutos, a sua segunda festa de homenagem aos seus alunos, no teatro Juvenia na rua das Escalas Gerais n.º 62.

Abrihantam esta festa os alunos da Escola da Arte de Representar Araújo Pereira, um grupo de alunos desta Universidade que desempenhará uma engraçadíssima comédia. Tocará nos intervalos um grupo de bandolinistas sob a regência do maestro José Francisco Malães.

INSTRUÇÃO

Universidade Nacional de Instrução e Educação

A comissão escolar da 3.ª secção desta colectividade de instrução popular, com sede em Marvila, resolveu na sua última reunião levar à prática um festival a favor da manutenção da aula primária que mantém na sua sede, sendo aceite o oferecimento do camarada Eduardo Braga para tratar obscuramente dum parte do programa da festa; registando também a oferta dum mapa de Portugal devidamente envernizado e com régua, feita pelo camarada e aluno Bernardino António dos Santos.

remetidas para Moscou que assim estava ao facto das negociações.—(L.)

Em torno de Xang-Kai-Xeque

PARIS, 30.—São o melhor possível as relações dos japoneses com Xang-Kai-Xeque que assim pretendem suplantar a influência inglesa junto daquele cabo de guerra chinês.—(L.)

A intervenção das potências

XANGAI, 30.—Com os novos reforços recebidos por todas as forças internacionais o almirante americano ficou tendo sob as suas ordens 3.000 homens.—(L.)

CRONICA DO ESTRANGEIRO

A IMENSA TRAGÉDIA DO MISSISSIPPI

A cidade de Nova Orleães em perigo de submersão

A-pesar dos protestos da população foram dinamitados vários diques, sacrificando-se campos enormes ao salvamento de uma cidade

O rio Mississippi, um dos maiores da América do Norte, inundou extensos campos, atirando para a miséria e para o luto centenas de milhares de famílias. A inundação ameaça de causar uma verdadeira calamidade, ameaçando até a cidade de Nova Orleães.

As autoridades decidiram abrir brechas nos diques dos armazéns, inundando uma pequena zona da região, de preferência a um desastre mais considerável. Estas brechas devem ter sido abertas por Toydras e espera-se que as águas se desviarão para o golfo do México, salvando-se assim Nova-Orleães.

No entanto, foram sacrificados milhares de hectares que provocaram uma indignação popular, fácil de supor, e que ameaça opor-se aos trabalhos se uma justa compensação não for outorgada.

O governador da Louisiana, porém, confirmou a ordem de dinamitar os diques da margem oriental do Mississippi. Conhecida esta atitude na zona ameaçada pela inundação, manifestou-se uma efervescência geral e os habitantes tomaram as armas e lançaram, em massa, na defesa da região, e o governador proclamou o estado de sítio mobilizando um contingente completo da guarda nacional.

O ponto mais elevado das águas do Mississippi atingiu em Memphis, 2.000.000 de pés cúbicos por segundo, isto é, mais de dez vezes a massa normal das catarractas do Niagara. Encontram-se submergidos mais de 700.000 de hectares de terreno e 500.000 pessoas estão sem abrigo. Deste número, 200.000 perderam todos os seus haveres.

Os prejuízos são avaliados em centenas de milhões de libras esterlinas. Até agora os diques têm agüentado a formidável pressão das águas, mas no dia em que se quebrar a sua resistência, a América será atingida por uma das maiores catástrofes.

A crista da inundação passou já Memphis, em Tennessee, e desce sobre Vicksburg, no Mississippi, esperando-se que não atinja Nova Orleães antes de duas semanas.

A cidade está situada abaixo do nível do rio, do qual é protegida por diques enormes. Para dinamitar os diques mais distantes, nos arredores, de forma a diminuir a pressão que o volume das águas exerce sobre os diques da cidade, foi pedida autorização ao ministro da Guerra.

Seis hidro-aviões receberam ordem de partir imediatamente de Pensacola a fim de voarem sobre as províncias devastadas, auxiliando os habitantes refugiados nas margens isoladas por vastas lagoas de água.

E' difícil indicar o verdadeiro número de mortos ou habitantes sem abrigo, e as entidades interessadas em auxiliar os sinistrados ignoram o controle da situação. Tem-se tentado enviar alimentos, latos e barracas para os habitantes, mas as autoridades que dirigem os trabalhos não dispõem de informações.

Nos milhares de quilómetros quadrados por onde a água se estende, entre Illinois e Nova Orleães, existem centenas de aldeias inundadas e com as comunicações telegráficas e telefônicas completamente cortadas.

As regiões de Mac Phee e Arkansas foram evacuadas e os habitantes refugiaram-se em Monticello, vivendo em tendas de campanha. Em Helena (Arkansas) foram instaladas quinze mil tendas. Os sinistrados encontram-se numa situação precária e insustentável.

O presidente Coolidge dirigiu à população dos Estados Unidos, um apelo a favor dos sinistrados, que teve, desde logo, um êxito animador. No primeiro dia, a subscrição atingiu um milhão e duzentos e cinquenta mil dólares.

Com o auxílio da Cruz Vermelha foram estabelecidos campos de concentração para os desgraçados sem abrigo, muitos dos quais se acham, como é de calcular, completamente desprovidos de tudo. Nos pontos altos estabelecem-se acampamentos enormes de tendas impermeáveis.

E a luta contra a marcha do rio continua febrilmente. Milhares de engenheiros, comandando um verdadeiro exército de operários, rodeiam os diques de dia e de noite. Nas trevas, poderosíssimos projectores percorrem com os seus penachos luminosos os diques, nos pontos em que ameaçam abrir brecha.

No entanto, ainda não se perde a esperança de evitar desastres irreparáveis. E em benefício geral, reconhecendo todos que era impossível combater por outra forma os desastrosos efeitos da inundação, alguns dos diques foram abertos a dinamite. Evita-se, assim, um mal maior.

Servindo a completar estas informações, recebemos o seguinte telegrama:

NOVA YORK, 30.—As explosões de dinamite que deviam abrir uma brecha de 300 metros no dique de Mississippi, em Poydras, a 12 milhas de Nova Orleães, produziram apenas três pequenas aberturas.

Espera-se contudo que deem suficiente vazão às águas evitando-se assim a destruição de Nova Orleães.

Pouco antes das explosões, a água atingia a crista dos diques que protegem Nova Orleães e, como estes não ultrapassam a altura das portas dos edifícios, a cidade achava-se em perigo iminente.

Os aeroplanos que voaram sobre a área, hoje inundada, verificaram estar completamente desabitada.—(L.)

Noticiário diverso

A política dos Estados

BERLIM, 30.—A imprensa berlinense, comentando o discurso proferido pelo sr. Balfour num jantar realizado em Londres, diz que ele de facto reconhece que os submarinos são uma grande força na guerra cabendo-lhe um papel importantíssimo.—(L.)

SARRE LOUIS, 30.—Devido à execução do disposto no tratado de Genebra relativo à constituição da polícia especial das vias férreas partiram esta manhã de Sarre Louis, em serviço de vigilância dois esquadrões de dragões.—(L.)

ASSUNÇÃO, 30.—Em consequência de um incidente na fronteira com tropas bolivianas, o governo de Paraguay, solicitou a mediação da Argentina.—(L.)

BRUXELAS, 30.—O embaixador da Holanda em Bruxelas conferenciou com o mi-

nistro dos Estrangeiros da Bélgica sobre os incidentes ocorridos na fronteira.—(L.)

BERLIM, 30.—A pequena entente adiou para Junho a sua conferência.—(L.)

Luta de partidos

VARSOVIA, 30.—Segundo o jornal "Boersengeiteng", o movimento separatista ganha terreno na Ucrânia, tendo já a adesão não só dos intelectuais como dos camponeses.—(L.)

NOVA YORK, 30.—Quando ontem à noite De Pinedo realizava uma conferência na associação dos ex-combatentes da Grande Guerra, um grupo de anti-fascistas entrou na sala provocando tumultos. Houve troca de tiros, intervindo a polícia que efectuou numerosas prisões.—(L.)

PRAGA, 30.—A câmara dos deputados recebeu por 142 votos contra 105 uma moção de desconfiança ao governo na qual este era censurado por haver suprimido aos militares o direito do voto.—(L.)

PARIS, 30.—Deram-se ontem em Montmorency graves conflitos entre realistas e comunistas, ficando diversas pessoas feridas.—(L.)

As calamidades

NORFOLK, 30.—Um aeroplano da aviação marítima quando ontem à noite voltava de Hamiltonroed foi atingido por uma fúria. Morreram quatro tripulantes.—(L.)

BUENOS AIRES, 30.—Um forte abalo de terra sobressaltou ontem os habitantes de Buenos Aires, que saíram para a rua dominados pelo terror. Não houve vítimas.—(L.)

NOVA YORK, 30.—Deu-se na ilha de Reunião um tremor de terra acompanhado duma erupção vulcânica.—(L.)

Pequenos factos

LONDRES, 30.—Reapareceram ontem no Embassy Club os bailarinos Capella e Rosery exibindo as mesmas danças que dias antes haviam sido proibidas pela polícia.—(L.)

MOSCOW, 30.—A polícia não conseguiu ainda descobrir os autores do furto dos quadros do museu de Arte, tendo sido feitos algumas prisões.—(L.)

PARIS, 30.—A câmara sindical de máquinas falantes festejou o 50 aniversário de Charles Cras, o inventor do fonógrafo.—(L.)

TEATROS

APOLO

Despedidas em pleno êxito

Apesar do agrado que continua obtendo, é já hoje o último dia em que se apresenta no Apolo, a interessantíssima opereta "Um Filho de III Classe... que amanhã, também em duas sessões, repetirá, pela antepenúltima vez. Quem, portanto, não aproveitar estas recitas de despedida ficará sem ter apreciado uma das mais engraçadas operetas de quantas, nos últimos tempos, visto a luz da ribalta, possuidora dum entrecho originalíssimo e com linda partitura, a que dão um belo relevo de interpretação Margarida Ferreira, Evangelina Bastos, Judite Marques, Maria Mesquita, Augusto Costa, Artur Rodrigues, José Moraes, Armando Machado e Pereira Arriaga, que tem a seu cargo os principais papeis.

Vai reaparecer a Mouraria?

Ao emprezário Almeida Cruz tem sido dirigidos numerosos pedidos para fazer "reprise" da opereta "Mouraria", que retirou da scena em pleno êxito, tendo atingido cerca de 300 representações.

Foz

A revista triunfante

E' sem dúvida a revista "Secretário dos Amantes" que se apresenta actualmente no Teatro São Foz, em matins e soirée, aquela, que maior êxito tem alcançado nos últimos tempos.

O público, não se cansa de aplaudir todos os números obrigando a bisar alguns, de entre os quais destacaremos o "Coxelas", "Menino Bonito", "Declaração jazz-band", "Florista", "Bonoca", "Aviador", etc.

Os espectáculos são inteirinhos, principando, quer o da matiné, quer o da soirée, pelo filme "Setimo Filho" 7 actos pelos artistas Mary Monti e Fernando Martini.

COLISEU

"Cavalleria Rusticana" e Palhaços

O espectáculo desta noite no Coliseu dos Recreios tem um programa sensacional, pois cantam-se duas das operas mais queridas do público, a "Cavalleria Rusticana" e "Os Palhaços" ambas com uma interpretação soberba e ambas sob a direcção do ilustre maestro português Fernandes Fão. Nos "Palhaços" toma parte o magnifico tenor dramático Alves da Silva que desempenha a parte de "Cauio".

Amãhã, canta-se pela última vez "O Barbeiro de Sevilha", em vista do grandioso sucesso que nesta encantadora opereta obteve Mercedes Capsir, a mais extraordinária e mais linda voz de soprano ligeiro que tem aparecido no mundo.

Nacional.—A's 21.—"O Gebo e a Sombra".

Trindade.—A's 21,30.—"O Quebrantado, São Luís.—A's 21,30.—"Bairro Alto".

Politeama.—A's 20,30.—Companhia francesa.

Variedades.—A's 20,30 e 22,30.—"A Sagrada Família".

Avenida.—A's 21,30.—"O bom ladrão".

Maria Vitória.—A's 20,45 e 22,45.—"Reviravolta".

Apolo.—A's 20,45 e 22,45.—"Um filho de III classe".

Coliseu dos Recreios.—A's 21,15 —"Palhaços" e "Cavalleria Rusticana".

São Foz.—A's 15 e 21.—"Secretário dos amantes".

Joaquim de Almeida.—A's 20 e 21.—Cinema e variedades.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete "Zealandia" são hoje expedidas malas postais para Las Palmas, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres, sendo a última tiragem de correspondência da caixa geral às 8 horas

ULTIMAS NOTICIAS

REPRISE DE UM FILM.

Carlos Pereira cantou ontem novamente a ária do aumento do preço da água

Aproxima-se o estio e a água começa a faltar nos contadores e chafarizes para abundar na frente dos que a procuram inutilmente. Todos os anos, por esta quadra, repete-se a scena: falta a água e Carlos Pereira vai para as sessões públicas atribuir essa falta aos governos que não se dispõem a aceitar outro contrato, ou seja o aumento do preço da água.

Este ano o caso mudou um pouco de figura. Com a ameaça, por parte da Câmara Municipal, do resgate da concessão para o abastecimento de água à cidade, o ditador das águas redobrou de ferocidade para não perder o precioso filão que é aquele monopólio.

A Câmara ameaça rescindir o contrato com a Companhia das Águas, visto esta não abastecer convenientemente a cidade. E Carlos Pereira, para chorar a pobreza da empresa de que é director-delegado, vai para o tablado cantar a ária da sua inculpabilidade.

Nesse sentido fez anunciar para ontem na "Sala Portugal" da Sociedade de Geografia uma conferência a que deu o sugestivo título de "O abastecimento de água à cidade".

Nessa conferência compareceram os ministros da Instrução e das Colónias, comandante dos bombeiros municipais, grande número de accionistas da Companhia das Águas, alguns médicos, bastantes operários e muitas senhoras, que deram as galerias da Sala um aspecto bizarro.

Presidiu o ministro da Instrução, que foi apresentado pelo presidente da assembleia geral da Companhia, dr. Domingos Pinto Coelho. Como é da praxe a apresentação foi precedida do necessário panegirico.

Carlos Pereira recitou o que tem afirmado nas suas sessões. Que a falta de água à cidade é da responsabilidade do governo por este não autorizar o aumento do preço da água, aumento que permitiria, no critério do ditador, fazer as obras de captação de água das nascentes em quantidade suficiente para o consumo da cidade e obras nos sifões e aquedutos que estão em estado lastimoso.

Afirmou Carlos Pereira que a cidade está criminosamente abastecida de águas há 12 anos e que se tem esforçado por combater este perigo, já se dirigiu a 45 ministros e de todos obteve a mesma recusa.

Escusamos de comentar esta afirmação. Ao ditador das águas cabe a responsabilidade desta situação, que pode muito bem determinar, em caso de um grande incêndio, que a população morra queimada por falta de água.

Quando o ditador das águas asseverava que há sítios em Lisboa onde não há água, quer de noite quer de dia, das galerias erguem-se uma voz:

—Porque a Companhia não a dá. Estabelece-se barulho e um official do exército mais saliente pôs na rua a bofetada um operário.

Na mesma ladainha enfiadonha, repetindo-se constantemente e procurando grandes efeitos de retórica, Carlos Pereira contesta a arguição da Câmara na rescisão do contrato, garantindo que a água ainda terá que pagar-se a mais de 2\$00 o metro.

Atira-se à Câmara como São Tiago aos mouros e diz da acção de alguns vereadores o que Maíoma não disse do toucinho, a-pesar da sua repugnância por este alimento...

Depois vêm os algarismos. Em 1926 gastou-se de água o Estado, 2.591.903 metros cúbicos; a Câmara, 10.382.546 metros cúbicos; os particulares, 5.505.403 metros cúbicos.

São os particulares quem pagam a principal verba para a Companhia das Águas. E' dizer: somos nós, consumidores, que enriquecemos a Companhia.

Carlos Pereira queixou-se de que o Estado e a Câmara são quem menos paga e que mais contribuem para a pobreza da Companhia.

Mas se assim é porque se obstina tanto o ditador na defesa do privilégio do fornecimento das águas?

Eram 23,30 horas quando terminou a exposição do director delegado da Companhia das Águas, ficando nós com esta certeza: a água vai faltar, a Câmara não resgatará o privilégio do fornecimento das águas e dentro de algum tempo teremos que pagar o precioso líquido muito mais caro.

Depois foi projectado no improvisado écran da Sala Portugal um film a que se deu o nome: A água que se bebe...

A exibição deste film arrastou-se até aos 30 minutos de hoje, numa demonstração de vários aspectos da captação das águas na serra do Alvalá até ao Alvalá, com os respectivos panoramas e paisagem.

Teatro Maria Vitória

Hoje Duas sessões Hoje
A's 20,45 e 22,45
com a apparatus e alegre revista

Reviravolta

Scenários brilhantísimos
Música harmoniosa
Desempenho excelente

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE—às 9,15—HOJE

Ante penúltimo espectáculo

DA

COMPANHIA LIRICA ITALIANA

Única representação das populares

óperas:

CAVALLERIA RUSTICANA

—E—

PALHAÇOS

na última das quais toma parte o notável tenor português

ALVES DA SILVA

Direcção musical do ilustre maestro

FERNANDES FÃO

Não se concedem entradas de favor

Amãhã

Penúltimo espectáculo Penúltimo

Barbeiro de Sevilha

Última ópera em que toma parte

a eminente

Mercedes Capsir

que cantará a "Valsa da Sombra"

e o "Ay, Ay, Ay"

além d'outras canções

CONTRA OS PRECONCEITOS

LEITURA DE INTERESSE INDIVIDUAL

Cozinha Simples. Dr. Cartão, 400 páginas, tit.

lissimo: a donas de casa, cozinheiras, desportistas, hoieis, escolas, asilos, doces e asios, médicos, vegetaríacos, bibliotecas, casas de pasto, hospitais, etc. com regras alimentares, ração e práticas, receitas modernas, etc.... 1 \$30

Paletas com rapazes. Dr. Sperry, 3.ª edição, 170 pag., 170 capítulos, excelentes para a sua idade..... 3\$30

O crime do silêncio. Dr. Marden, apreciado educador, 270 pag., 17 capítulos para os 2 \$30

Tuberculose: como se evita, se trata e se cura. Dr. Cartão, 170 pag., útil a toda a gente e o melhor sobre o assunto..... 10\$03

O êxito através das dificuldades, resumo da Marden-güis.—Livros das Drs. Marden, Paul Cartão, etc. porte grátis.—Pelo correio: Centro Mentalista, Rua Moraes Soares, 36, 1.ª—Avalso: Tebucaria, Rua Santa Justa, 95—LISBOA.

Nº Sindicato dos Manipuladores de Pão

Realiza-se hoje, às 20 horas, na Associação dos Manipuladores de Pão, uma sessão e comemorativa da data do 1.º de Maio.

TEATRO APOLO

TELEF. N. 4129

COMPANHIA ALMEIDA CRUZ

TODAS

A SOCIAL Cooperativa de Produção dos Operários Chapeleiros

participa aos camaradas, amigos e ao público em geral, que acaba de abrir a estação de verão nos seus estabelecimentos de venda, sitos na

SEDE — Rua Fernandes da Fonseca, 31 e 35
SECCÃO (chap. de senhora) R. Fernandes da Fonseca, 25, 1.º
FABRICA — Rua Guilherme Braga, 23

Sucursais

1. — Rua Poiais de São Bento, 74 e 74-A
2. — Rua do Corpo Santo, 29 (esquina da T. do Corpo Santo)
3. — Rua Arco Marquês do Alegrete, 56 e 58
(Edifício de quatro andares propriedade da Cooperativa)
4. — Rua Arco Marquês do Alegrete, 46 a 50

Aldegalega:

Rua Joaquim de Almeida, 2 e 4

Temos um colossal e variado sortido de chapéus de palha, assim como um vasto sortido em chapéus de feltro de cores lindas e próprias para a estação

COMPANHIA DE SEGUROS MUTUALIDADE NA CONSTRUÇÃO CIVIL

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

INICIALMENTE FUNDADA EM 1914

CAPITAL { Realizado 1.000.000\$00
Autorizado 2.000.000\$00
Reservas 285.223\$23

SEDE

Largo do Carmo, 18, 1.º, E. — Rua da Trindade, 1-A
LISBOA

Tele { gramas: LISMUTUAL
fone: C. 4112

Agência no Porto: RUA 31 DE JANEIRO, 18, 2.º
SEGUROS CONTRA OS RISCOS DE INCENDIO
E DESASTRES NO TRABALHO

Manuel A. F. Calado & C.ª, L.ª

Importação directa

Armazém de drogas,
tintas, óleos, vernizes,
pincéis e perfumarias

Alvaiade "POMBA"

(Marca registada)

Fábrica de Gessos, Cimento, Grés, Pó
de Pedra, etc.

Fábrica:

24, Rua da P. da Junqueira, 28

Depósito da fábrica:

5, Boqueirão dos Ferreiros, 7

Drogaria e escritório:

19-20, L. do Corpo Santo, 22-23
LISBOA

TELEFONES { Escritório: 1073 Central
Drogaria: 1074

Fábrica: 69 Belem

Endereço telegráfico: TINTAS-LISBOA

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos,
molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTI

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

Biblioteca de Instrução Profissional

Elementos gerais

Algebra elementar	13\$00
Arithmetica pratica	15\$00
Desenho linear geometrico	12\$00
Elementos de electricidade	30\$00
Elementos de fisica	12\$00
Elementos de Mecanica	12\$00
Elementos de Modelação	12\$00
Elementos de Projectões	16\$00
Elementos de Quimica	12\$00
Geometria plana e no espago	13\$00
Fabricante de tecidos	13\$00

Mecânica

Torneiro e Frezador mecanicos	15\$00
Desenho de máquinas	25\$00
Material agricola	13\$00
Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor	13\$00
Problemas de máquinas	16\$00

Construção Civil

Acabamentos das construções	16\$00
Alvenaria e Cantaria	13\$00
Edificações	13\$00
Encanamentos e salubridade das habi- tações	13\$00
Materiais de construção	20\$00
Terraplenagens e alicerces	13\$00
Trabalhos de Carpintaria	16\$00

Diversas indústrias

Condutor de Máquinas	20\$00
Fogoeiro	16\$00
Formador e estuador	12\$00
Fundidor	13\$00
Plotagem	16\$00
Industria alimentar	12\$00
Industria do vidro	12\$00

Manuais de officios

Galvanoplastia	16\$00
Motors de explosão	20\$00
Navegante	16\$00
Cimento armado	25\$00

JOAQUIM COSTA, L.ª

Fábricas de

Malas e carteiras para senhora, pastas
e carteiras para homem, malas e artigos
de viagem, etc.

PRODUÇÃO DO ANO DE 1926

Malinhas e carteiras para senhora	75.857
Carteiras e pastas para homem	12.751
Malas de coiro, fibra e col-fibra	20.127

Para esta produção esta fábrica empregou di-
ariamente cêrca de 200 PESSOAS, o que representa
muito ouro que deixou de sair para fóra do país.

FÁBRICA:

TRAVESSA DO FALA SÓ, 20

ESCRITORIOS E ARMAZENS:

RUA DA GLÓRIA, 21-2.º

Gillette

SAFETY Gillette RAZOR

Milhões de máquinas GILLETTE barbeiam diariamente meio mundo. Com uma GILLETTE razura-se
num momento a barba mais dura, ficando o rosto macio como um veludo. Não precisa de se assentar.
Não precisa de se afiar. Dura uma vida inteira. Optima para brindes.—EXTREMAMENTE ECONOMICA.

GILLETTE SEFETY RAZOR COY., BOSTON, AMERICA

Agentes gerais em Portugal e Colonias: JOÃO MACHADO DA CONCEIÇÃO & C.ª LTD.ª

75, Rua da Conceição, 1.º — Lisboa — PORTUGAL

CIMENTOS DO OUTÃO TENAZ-AUDAZ-PORTUGAL

Os melhores e mais vantajosos do mercado: de absoluta confiança
para todo o género de trabalhos, especialmente marítimos

CAL HIDRAULICA OUTÃO

Eminentemente hidráulica, alta resistência, presa rápida

SECIL RUA DO ALECRIM, 45 LISBOA
Telef. C. 1460

LOTARIA DE SANTO ANTONIO

Em 18 de Junho de 1927

PREMIOS MAIORES { 2.000.000\$00
500.000\$00

Bilhetes a 500\$00, décimos a 50\$00, vigésimos a 25\$00, quadragési-
mos a 12\$50. Cautelas a 3\$00. Pelo correio mais a despesa do porte
e registo. Pedidos aos cambistas

CAMPIÃO & C.ª

Rua do Amparo, 116 — Lisboa

PALACE HOTEL

O MELHOR HOTEL DE PORTUGAL
Telegramas: Palacehotel — BUSSACO

PALACE HOTEL

O MAIOR HOTEL DE PORTUGAL
Telegramas: PALACE — CURIA

HOTEL ASTORIA

O MAIS MODERNO HOTEL DE PORTUGAL
Telegramas: ASTORIA — COIMBRA

HOTEL DE L'EUROPE

O MAIS MODERNO HOTEL DE LISBOA
Praça Luís de Camões, 6

HOTEL METROPOLE

RECOMENDADO PELA PROPAGANDA DE PORTUGAL
Rossio, 30

FRANCFORT HOTEL

RECOMENDADO PARA FAMILIAS
Rossio, 113

BUSSACO

CURIA

COIMBRA

LISBOA

Proprietário e Director: Alexandre de Almeida

ESCRITÓRIO GERAL
Rossio, 108, 2.º — LISBOA

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

Sociedade Anónima Responsabilidade Ltd.ª

SEDE NO LOBITO — AFRICA OCIDENTAL PORTUGUESA

ADMINISTRAÇÃO EM LISBOA

AVENIDA DA LIBERDADE, 11, 1.º

TELEFONES { N 4134 AGENCIA
N 2123 CONTABILIDADE
C 3183 CAIS

AGENCIA NO PORTO — Rua Mousinho da Silveira, 18, 2.º

Carreiras mensais entre a Metrópole e Africa
Occidental Portuguesa.

Serviço mensal especial para os portos de
Anvers e Rotterdam, e destes para a Africa, ofere-
cendo aos carregadores vantagens especiais.

Fretes directos de Africa para os principais
portos da Europa e América e destes para Africa
em serviço combinado com outras Companhias de
Navegação.

Carreiras mensais para a Guiné portuguesa.

AGENTES NA EUROPA

Rotterdam — Kersten Hunik & C.ª Veerkade, 1.

Anvers — Armement Deppe, 8 rue de Bordeaux.

Paris e Havre — Inter Maritime & Fluvial, 66, rue de Gaumartin — Paris.

Hamburgo — Bernardino Correia & C.ª, Gr. Reichenstr. 3.

Londres — A. J. J. Kersten, 32, Great St. Helens.

Armazens para receber carga à Rocha do Conde de Obidos

FROTA DA COMPANHIA

Loanda	Cassequel
Amboim	Benguela
Guiné	Lobito
Ganda	Bissau

LEDE O ULTIMO QUIXOTE

PELOS CAMINHOS DE FERRO DA BEIRA ALTA

A situação do respectivo pessoal. As perseguições do director daquela rede

Os ferroviários que servem as empresas particulares têm sofrido, invariavelmente, umas condições de vida bastante deprimentes. Os seus vencimentos, quase sempre insuficientes em relação ao custo da vida, já serviram várias vezes para a especulação das companhias, interessadas nas operações das tarifas, que por intermédio destas, vêm subir os seus lucros aplicando-os no desenvolvimento das respectivas redes; beneficiando linhas, renovando materiais, etc., à custa da precária situação dos seus empregados.

A Companhia da Beira Alta não podia fugir à regra e tem, como as outras, sabido governar-se admiravelmente.

As redes ferroviárias, conquanto tivessem há uns anos atravésado momentos difíceis, devido à desvalorização da moeda e ao extraordinário encarecimento do carvão e demais artigos indispensáveis à sua contínua movimentação, passado esse interregno, começaram a ressuscitar-se das dificuldades havidas e hoje prosperam dia a dia. Por sua vez os ferroviários, que tiveram de sofrer as mesmas consequências do após guerra, ainda não conseguiram modificar as condições de existência e não vêm maneira fácil de o fazerem.

Isto sob o ponto de vista económico. Quanto à questão moral é muito pior ainda. Não existe consideração alguma pelos esforços dispendidos durante dezenas de anos, num extenuantíssimo trabalho, pelos produtores dos caminhos de ferro. As perseguições são constantes, chegando a demitir-se agentes por serem deensores do respectivo sindicato. Na Beira Alta, cometeu-se aqui há uns 3 anos esta infâmia: o presidente da respectiva Associação de Classe, velho ferroviário com 30 anos de serviço, foi demitido por exercer o referido cargo! Outros elementos foram demitidos e transferidos por igual motivo.

O horário de trabalho é letra morta naqueles caminhos de ferro. Por mais reclamações que os interessados tenham apresentado neste sentido, todas são desprezadas com o maior dos cinismos. Quando algum mais decidido protesta, é imediatamente castigado, quando não demitido.

Estas perseguições, que são constantes, denotam bem o espírito vingativo e mau do director que tudo se compraz em escravizar centenas de trabalhadores.

Nas nossas colunas já temos verberado o seu procedimento, mas muito há a dizer ainda.

O público, que paga todos os aumentos e que quer ser servido convenientemente sofre por vezes o resultado da desmoralização de serviços, proveniente de o pessoal habilitado e competente ser posto à margem.

Ultimamente a violência redobrou de intensidade, cometendo-se actos que só se justificam na certa impunidade de que o seu autor está possuído, actos que revelam os seus desumanos intuitos.

Mas isso fica para outro artigo.

CRISE DE TRABALHO

Sindicato da Construção Civil

A secção profissional de Belém do Sindicato da Construção Civil convidou todos os operários carpinteiros, estuqueiros e pintores associados que trabalham ultimamente nas obras das Casas Económicas da Ajuda a virem inscrever-se nesta secção até à próxima terça-feira, das 20 às 21 horas.

Um crédito de 2.500 contos

Foi aprovado pelo governo um crédito especial de 2.500 contos para as obras dos Edifícios Públicos e Monumentos Nacionais, até ao fim do ano económico.

Artur Pedro Correia Faleceu

Sua família participa o seu falecimento a todas as pessoas das suas relações e amizade e que o seu funeral se realiza hoje, à pelas 16 horas, da casa mortuária do Hospital de S. José para o Cemitério Oriental.

CONFERÊNCIAS

"Esperanto"

Na sede do Luzitano Sporting Club, Rua dos Luziados, 146, 1.º (a Santo Amaro) realiza-se hoje, pelas 16 horas uma conferência subordinada ao tema: «A difusão do Esperanto nos últimos anos».

O conferente será o esperantista sr. Saldanha Carreira. Julgamos desnecessário encarecer a importância da conferência e por isso é de esperar que os esperantistas que procuram a difusão desta língua compareçam a esta sessão.

Na próxima quinta-feira, 5 de Maio, realiza-se a abertura de um novo curso de esperanto para o qual já estão inscritos cerca de trinta alunos, continuando aberta a inscrição até essa data.

A comissão administrativa deste antigo Clube ao procurar reorganizar-lo, estabeleceu um programa de trabalhos a efectuar e no qual conta elevar o nível da mentalidade e cultura intelectual dos seus associados quer estabelecendo aulas, quer promovendo conferências de carácter desportivo, educativo, intelectual, etc.

Brevemente realiza-se uma conferência desportiva por um conhecido desportista e assim como um saraú de arte.

"A instrução proletária e o cooperativismo"

Na Associação de Classe dos Manipuladores de Pão, calçada Castelo Branco Saratava, 42, 1.º, realiza-se hoje, às 19 horas, o sr. Ramon Curto uma conferência subordinada ao título «A instrução proletária e o cooperativismo».

"A Emigração"

Na próxima quinta-feira, 5, pelas 21 horas, o sr. Eurico Macedo de Serpa Corte Real, aluno da Faculdade de Direito, realiza na sede desta Universidade, na Rua Particular à Rua Almeida e Sousa, uma conferência sobre «A Emigração». Haverá também sessão cinematográfica educativa.

Lisboa trágica

Caído numa fossa

Na calçada da Maruja existe uma Vila que se denomina «Albina», onde ontem, pelas 16 horas, o menor João Maria, de 2 anos, residente na calçada da Maruja, andava brincando junto a uma fossa ali existente. Improvavelmente, o pequeno caiu nessa fossa, sendo dali retirado por vários indivíduos que acudiram ao alarme feito. Transportado por um auto-máquina da Cruz Vermelha ao hospital de S. José, verificou-se que já era cadáver, pelo que o mesmo auto o conduziu à morgue.

Choque de veículos

Ontem, por volta das 16 horas, desceu a rua Garcia da Horta um auto-máquina da Cruz Vermelha, guiado pelo «chauffeur» Jaime da Costa Mano, de 25 anos, natural de Arganil e residente na rua de S. João da Mata, 69, 3.º, quando, inesperadamente, sentiu que os travões do carro que conduzia se tinham partido, pelo que o carro caminhou sem governo até ao virar da rua de S. João da Mata, onde foi esbarrar com um carro eléctrico. A colisão do auto com o eléctrico estabeleceu grande pânico, que já vinha sendo prolongado pelos gritos afiados do «chauffeur». Após o choque, verificou-se que o Jaime estava ferido, pelo que o policiamento, que andava de giro próximo do local, o fez conduzir rapidamente num «taxi» ao hospital da Estrela, onde foi pensado, sendo dali transportado num carro da Cruz Vermelha ao hospital de S. José, onde no Barco foi novamente pensado, e por se ter verificado que os seus ferimentos na cabeça e na perna esquerda não eram de gravidade, recolheu a casa.

O SANATORIO DOS EMPREGADOS NO COMERCIO DE PORTUGAL

A Sub-Comissão Norte Pró-Sanatório, realiza no próximo dia 3 de Maio, no Campo do Covelo, um desafio de futebol entre o Sport Comércio Salgueiros e o Grupo Scalabitano os «Leões» de Santarém, cuja receita líquida reverte a favor do Sanatório da classe dos caixeiros portugueses.

Este encontro tem despertado grande entusiasmo pela categoria dos clubes que se vão bater, e pelo fim a que se destina o doativo espectacular.

A procura de bilhetes tem sido muito animadora.

ACORRENDO

AO APELO DE "A BATALHA"

Transporte 1.546\$70

Presos simpatizantes de A Batalha 20\$00
Guilherme Sequeira 1\$50
Augusto Beirão 10\$00
Valentim José Furtado 7\$50
José Gonçalves (Fuzeta) 5\$ 0
Alfredo Campos Pessoa (cota semanal) 2\$50
Félix dos Santos 1\$50
Feliciana de Jesus 3\$ 0
Jesuína Chabi 5\$ 0
Maria 5\$ 0
Emília 5\$ 0
Ana, chefe 5\$ 0
António Freitas 10\$00
Manuel Nunes 7\$00
José de Oliveira Soares 2\$50
Serafim Tavares 2\$50
Francisco da Silva 10\$00
E. Lopes 5\$00
Quete aberta entre o pessoal do fogão do paquete Lima (39\$00)

José de Araújo 5\$00
Cândido Rosa 5\$00
Manuel Cardoso 1\$00
Sebastião Feicheira 5\$ 0
Monteiro 5\$ 0
José Francisco 5\$00
Honório do Nascimento 1\$00
Abílio Esteves 5\$00
Carlos Simões Ferreira 2\$50
Alberto Sebastião 2\$50
José Cabral 2\$50
João Rodrigues Guerrilhas 1\$50
António Simões 1\$00
Manuel Fernandes 1\$00
António da Silva 1\$00
João Tavares 2\$00
José Lopes 2\$00

A transportar 1.673\$20

A BATALHA NA PROVINCIA E AREDORES

Braga

A crise de trabalho

BRAGA, 29.—Continua agravando-se a crise de trabalho nesta cidade, principalmente nas indústrias de marcenaria e sapataria.

Por esse motivo são em grande número os operários que se encontram debaixo de plena miséria, lavrando já a fome em muitos lares.

Os patrões, algumas indústrias, resolveram tomar para com os seus operários esta atitude: reduzir-lhes os salários que já eram bastante irrisórios.

Aqui têm os leitores um gesto que vale por muitas sessões de propaganda e que justifica amplamente toda a crítica, implacável e justa, que os defensores das ideias de emancipação humana fazem às sociedades burguesas.

Salão de Festas da Construção Civil

A festa de homenagem a Manuel Maria, que estava marcada para segunda-feira próxima, ficou adiada «sine-die».

MARCO POSTAL

Caldas de Monchique.—Valentim José Furtado.—Recebemos 30\$00. Pagou a assinatura até 30 de Junho, p. l., como diz. Ficaram portanto 7\$50 para auxílio do jornal que será publicado na devida altura.

A EPOPEIA DO TRABALHO

—POR—
Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A venda nas livrarias, ao preço de 6\$03 e, a cobrança, de 7\$00.

Pedidos à Livraria Renascença, de J. Cardoso, editor, Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29 e à Administração de A Batalha, calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — Portugal.

FÁBRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

Goarmon & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

TELEF. C. 1244 — LISBOA

NORTE 5521 e 5528

São os telefones dos 60 taxis

CITROËN

(Palhinha amarela)

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

que devido aos seus postos e garagens espalhados pela cidade servem os seus clientes com grande economia de tempo e de dinheiro

GARAGES: Avenida Visconde de Valmor, 70 a 76 (sede) e Avenida Almirante Barroso, 21

SUCURSAL: Largo da Estação do Rossio

AGENCIA INTERNACIONAL DE VIAGENS

HENRIQUE BRAVO

O agente oficial mais antigo de Portugal

PASSAPORTES

AGÊNCIAS — SERVIÇOS INTERNACIONAIS DE PASSAGENS E PASSAPORTES

Rua Nova do Carvalho, 38, s/l. D. — Lisboa

TELEFONE CENTRAL 2582

GRAMAS: BRAVINAGEM — LISBOA

Foi esta agência quem se encarregou do passaporte de MISS PORTUGAL, para seguir para a América do Norte, a tomar parte no Concurso Internacional de Beleza.

QUEIXAS E RECLAMAÇÕES

Sobre um marco fontenário

No lugar conhecido por Horta Seca, entre Palma de Cima e Palma de Baixo, existe um marco fontenário, junto à propriedade do sr. Paiva Curado. Sucede que por esse marco ficar num sítio muito ermo e distante os moradores de Palma não podem abastecer-se de água, o que lhes causa grandes transtornos.

Já várias pessoas se têm queixado desse facto, dizendo-nos que o marco naquele lugar só beneficia o sr. Curado.

Ontem o operário da construção civil Filipe Fernandes procurou-nos para o mesmo fim, explicando-nos que, para os moradores daqueles sítios ficarem convenientemente servidos de água do Alviela, o marco fontenário devia passar para as Figueiras, lugar onde existem apenas alguns poços para abastecer a população.

Filipe Fernandes entende que a Câmara Municipal devia atender este desejo, que é o desejo dos moradores de Palma de Cima e de Palma de Baixo.

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 350\$.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 650\$.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 650\$.

A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: Livraria Renascença, rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

POLICLINICA POPULAR

Rua Morais Soares, 114

Telef. 5460-N.

Cirurgia, Operações—Dr. Abel da Cunha—às 15 horas.

Coração e Pulmões, Clínica Médica—Dr. Leão da Silva—às 10 horas.

Doenças da boca e dentes—Dr. Gonçalves Vilela—às 9 às 11 horas.

Doenças das crianças—Dr. Fias de Matos—às 12 horas.

Doenças dos olhos—Dr. Sousa Aguiar—às 15 horas.

Doenças das senhoras—Dr. Isabel Pereira—às 17 às 19 horas.

Estômago, Intestinos e Fígado, Clínica Geral—Dr. Eduardo Neves—às 11 às 12 horas.

Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Gomes Coelho—às 10 às 12 horas.

Pele e sífilis—Dr. Oliveira Feijó—às 11 horas.

Rios e vias urinárias—Dr. Fontoura Madureira—às 9 às 12 horas.

Raios X, análises clínicas e vacinas

Policlínica do Rato

Praça do Brasil, 45, 1.º

Telefone N. 1200

Dr. António Monteiro—11 horas—Clínica geral, renhoras, crianças e partos.

Dr. Júlio Gonçalves—13 horas—Boca e dentes.

Dr. Lourenço Raimundo—13 e meia—Rios e vias urinárias.

Dr. António Fernandes—13 e meia—Medicina geral e doenças nervosas.

Dr. João Salva—15 e meia—Doenças dos olhos.

Dr. Tavares do Couto—15 e meia—Garganta, ouvidos e nariz.

Dr. João de Morais Sarmiento—16 horas—Ginecologia e operações.

Dr. Rival Saavedra—17 horas—Pulmões, pele e sífilis.

Dr. José Crespo—17 e meia—Clínica médica, estômago, intestinos e fígado.

Dr. Alfeu Saldanha Cruz—Raios X.

Análises clínicas, eletroterapia, massagem e ginástica médica.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 93

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 9 horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 h.

Rios, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 h.

Pele e sífilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e às 5 h.

Doenças nervosas, eletroterapia—Dr. R. Loff-2 h.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 h.

Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.

Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 h.

Doenças das senhoras—Dr. C. Afonso—2 h.

Doenças das crianças—Dr. Filipe Monso—12 h.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 h.

Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.

Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.

Raios X—Dr. Alfeu Saldanha Cruz—1 hora.

Análises—Dr. Gabriela Bento—4 horas.

CASA DE CRÉDITO POPULAR

Agência n.º 17

Largo do Mitelo, n.º 13 e 15 (Ao Campo de Santana)

Empréstimos sobre Penhores

Reabre ao público no dia 2 de Maio efectuando empréstimos sobre penhor de ouro, prata, pedras preciosas, roupas e outros objectos, com o juro mensal de 1% e 2%.

Associação de Classe dos Empregados de Associações Mutualistas

Rua de São Paulo, 104, 2.º, D. — LISBOA

AVISO

São avisados os senhores associados que os documentos de receita e despesa respeitantes às últimas gerências se encontram patentes, na morada acima, pelo espaço de 15 dias, das 13 às 15 horas.

Lisboa, 30 de Abril de 1927.

A Direcção.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 52 desta novela intitulada *La hija del verdugo*, de Federica Monteny. Preço, 560. — Pedidos à administração de A Batalha.

diante de si uma pessoa de importância, deu uma punhada na mesa. Ao barulho, o ministro despertou, e como homem acostumado a capacitar-se logo das situações e não sendo seguramente nova aquela, para ele, retorquiu, com a maior tranquilidade:

—Perfeitamente; fala V. Ex.ª como um convencido, mas, o que acaba de expor-me, necessita um largo e aturado estudo.

Luis ouvia, assombrado. O ministro continuou dizendo:

—De muito boa vontade falaria com V. Ex.ª acerca deste assunto, um outro dia; hoje tenho o tempo distribuído de tal maneira que me é impossível segui-lo nas suas belas dissertações. Nós, ministros, também costumamos estar em toda a parte, assim como VV. Ex.ªs, os homens de acção, conforme designam actualmente os que falam pouco e fazem muitas coisas. Repito que, em princípio, parece-me bem o projecto de V. Ex.ª, mas é necessário discuti-lo com calma. Além disso, compreenderá V. Ex.ª que reformas de tal magnitude exigem a aprovação do conselho de ministros.

Luis começava a duvidar; talvez o ministro não tivesse dormido; quem sabe se, para seguir com mais atenção e menos distraído o seu relato, o ministro se tivesse concentrado tanto que parecesse dormir.

Nesta dúvida, Luis retorquiu:

—Sempre assim o considere, mas é tão claro e convincente o meu projecto que espero será aprovado por todos.

—Não, não; não é tão claro nem tão claro, como V. Ex.ª supõe — apressou-se a dizer o ministro. Enfim, avisarei V. Ex.ª quando tiver falado com o Presidente. O melhor e o mais rápido seria V. Ex.ª apresentar-nos uma espécie de plano geral, acompanhado de um esquema. Eu me encarrego de defender o formoso projecto de V. Ex.ª no conselho de ministros, com a vontade firme que me caracteriza... A propósito — continuou o ministro, estendendo outro vez a Luis um charuto que o jovem arquitecto rejeitou com um sinal de cabeça, para não perder uma sílaba das que o ministro ia pronunciar. — A propósito? porque não fala V. Ex.ª com o ministro do Fomento? O projecto de V. Ex.ª é mais da sua competência que da minha.

—Eu julgava — exclamou Luis com certa humildade — que competia mais ao ministro da Fazenda. Trata-se de alterar as verbas e a inversão de receitas.

—Muito bem — respondeu o ministro — mas a direcção do projecto de V. Ex.ª pertence plenamente ao ministério do Fomento; Creia-me V. Ex.ª — ajuntou o ministro levantando-se — fale com o ministro do Fomento.

Luis levantou-se também e disse:

—Vou pensar nisso.

—Atenderá V. Ex.ª — exclamou o ministro. E' novo e homem de empresas nobres e populares. Pode V. Ex.ª contar desde já com o meu apoio.

Luis sorriu-se bondosamente confiado, e disse, com toda a sua alma:

—Muito obrigado, senhor ministro. Agradeço-lhe infinitamente o apoio que V. Ex.ª me presta, e dele me lembrarei toda a vida.

O ministro pôs a mão no ombro do mancebo e impeliu-o suavemente para a porta, enquanto dizia:

—Segundo me disse, ontem, o meu colega da Instrução Pública, tinha V. Ex.ª convocado para hoje uma reunião de catedráticos e professores oficiais.

—Sim, senhor — disse Luis com a simplicidade e o entusiasmo de uma criança. — Tenho também um projecto para a fundação de colónias escolares, asilos de artes e ofícios e construção de edifícios para Universidades e Institutos.

V. Ex.ª é um homem de futuro — exclamou o ministro com tão fina ironia que escapou à virgem compreensão do jovem arquitecto.

—Falei-lhe em mim o senhor ministro da Instrução Pública? — perguntou Luis com interesse.

—Sim — respondeu o ministro — e recordo-me de me ter dito ele que, tratando-se de um rapaz novo, como V. Ex.ª, pensava em assistir à reunião? A que horas é?

—A's cinco — respondeu Luis.

O ministro tirou o relógio do bolso e disse:

—Pois faltam trinta minutos. Passe V. Ex.ª bem, e muito boa sorte. Fazem falta a Espanha homens como V. Ex.ª!

—Muito obrigado pelas atenções que V. Ex.ª me tem dispensado — retorquiu Luis ingenuamente.

—Não tem de quê, senhor de la Escosura, não tem de quê! Conte V. Ex.ª comigo incondicionalmente — disse o ministro, estendendo a mão ao jovem.

O moço arquitecto apertou-lha, enquanto dizia comovido:

—Repito os meus agradecimentos; tenha V. Ex.ª muito «boa tarde».

Luis desapareceu, e o ministro sentou-se de novo; entretanto, assomava-lhe aos lábios um sorriso irónico.

—Entre, homem, entre! — exclamou o ministro.

—O que deseja o nosso futuro poeta nacional?

Era este futuro poeta um jovem de longas mechas, pálido, olheirente, de colete negro, calças claras, botas cogadas, chapéu flexível e não muito acaado, jaléca azul e uma gravata fenomenal.

—Venho felicitar V. Ex.ª — disse o poeta.

—A mim! Porquê? — exclamou o ministro.

—Acabo de ler O Tempo.

—O que diz O Tempo? — perguntou o ministro.

—Como! V. Ex.ª não leu O Tempo? — retorquiu o poeta.

—Não senhor — replicou o ministro.

O poeta tirou do bolso um exemplar de O Tempo e disse:

—Leia, leia V. Ex.ª, senhor ministro!

O ministro pegou precipitadamente no jornal que o futuro poeta nacional lhe entregava e percorreu todas as colunas com avidez, enquanto o poeta acrescentava:

—Na terceira coluna da primeira página, onde diz «Ministro modelo»...

O ministro leu um momento; depois exclamou:

—Mas quem escreve tão grandes elogios a minha

pessoa? O Tempo sempre se salientou pela sua animosidade contra mim!

—Ai está o mérito — exclamou o jovem guedelhudo — lograr que elogiem aquele de quem sempre disse, ram mal.

—São para agradecer — disse o ministro — semelhantes casos de imparcialidade e desejo fazê-lo quando menos agradecendo ao seu autor. V. Ex.ª conhece o?

—Creio que sim! — respondeu cinicamente o poeta. — Pois se fui eu!

—V. Ex.ª é redactor de O Tempo! — exclamou, admirado, o ministro. — O senhor seu tio nada me havia dito!

—Não sou redactor de O Tempo — retorquiu o poeta, — mas sou amigo de um redactor e por meio desse amigo fiz publicar o artigo.

—Bravo, Rosendito, bravo! — exclamou o ministro, batendo as palmas. Conte com o meu apoio, se, em alguma coisa, eu lhe puder ser útil.

—Tomou a liberdade de aceitar o seu oferecimento — replicou o do jaleco azul, porque precisamente nesta ocasião necessitava da protecção de V. Ex.ª.

—Vamos a ver — disse jovialmente o ministro. O que deseja V. Ex.ª? Um emprego?

—Não senhor: dois — respondeu o poeta, com descaramento.

—Homem! — disse o ministro.

—Modesto, senhor ministro, modesto — retorquiu o poeta. — Um para mim, de pouco trabalho, para que possa continuar dedicando-me à arte e outro para o redactor de O Tempo, poeta como eu.

—Bem, homem, bem — disse o ministro. Vou ver se tenho onde metê-los.

—Contanto que o faça nas palminhas...

—Ah! maroto! — exclamou o ministro. — Vamos lá, que sobrinho saiu ao tal governador de Cuenca!

—Obrigado, senhor ministro. — acrescentou o dos versículos. — Publicarei outro artigo!

1-5-1927 O ÚLTIMO QUIXOTE — Federico Urales N.º 7



AO REGIME CAPITALISTA

A jornada de seis horas

tem de ser a reivindicação do proletariado contra o re-voltante egoísmo do rético sistema capitalista

Perante a ruína do capitalismo tem a classe trabalhadora o direito de exigir maior respeito pela vida. O capitalismo pretende fugir da inevitável queda com o sacrifício do proletariado, não importando que sofram mulheres, crianças, velhos, inválidos, ou homens que possuam uma força de trabalho útil ao progresso da humanidade. Não importa ao capitalismo nenhuma outra razão que a do seu egoísmo social e de casta.

O desemprego alastra com terror do imenso número de famílias operárias, cada vez mais próximas de uma catástrofe econômica que poderá conseguir-lhes a fome e o luto. O capitalismo busca salvar-se, com mira na sua prosperidade, mas não lhe interessa a solução da crise de trabalho.

O capitalismo procura reorganizar-se sob diferentes fórmulas, como a racionalização, com o os grandes acordos industriais, fórmulas que garantam o emprego do menor número de operários, o pagamento do mais baixo salário, o maior número de horas de laboração, o mais insignificante empenho de capital. Actualmente, o operariado vê aumentar e diminuir o desemprego sem ainda aprender as suas verdadeiras causas, que residem unicamente na moderna organização do capitalismo que, não resolvendo a enorme crise econômica e financeira dos estados, garante algumas vantagens na perseguição do regime.

O desenvolvimento da máquina, a política econômica dos governos capitalistas, o progressivo e irresistível desemprego, colocam o operariado na razão de exigir um menor número de horas de trabalho.

Como nos últimos anos do século XIX — então, por oito horas — a luta tem de ser iniciada, não já por egoísmo de classe, mas por dever de humanidade que é a defesa de uma massa que sofre injustamente a incapacidade social do capitalismo.

Na sua nova organização, o capitalismo demora a sua bancarrota; a América latina, a África e a Ásia são os grandes mercados que garantem ao capitalismo uma larga colocação de produtos industriais; mas a produção excede vertiginosamente as necessidades dos mercados, pois, com o actual sistema, se produz cada vez mais rapidamente.

Sente-se, pois, sente o melhor o capitalismo a forte conveniência de diminuir a produção. Mas o capitalismo não abdica de nenhum interesse: não reduz, e, às vezes, aumenta o número de horas de trabalho, não baixa o preço dos produtos; apenas se consola em diminuir o número de operários, baixar os salários, andando de conseguir, através da crise, mesquinha vantagem financeira.

O desemprego alastra e a crise não se resolve.

Os mercados abarrotam, apresentando este terrível aspecto da incapacidade econômica do capitalismo: as grandes massas não podem adquirir em virtude da grande desocupação, e a desocupação aumenta porque os compradores faltam.

Uma redução no número de horas de trabalho diminuiria, em consequência, o desemprego, até se atingir novamente o equilíbrio entre a produção e o consumo, de modo que o capitalismo viveria em aparente normalidade e a fome não aterrorizaria multidões.

A reivindicação de seis horas é justa e humana. Com os modernos métodos de industrialismo, o proletariado esgota-se; além disso, o capitalismo monopoliza criminosamente todos os progressos técnicos. O proletariado tem de exigir que em seu benefício revertam também os progressos técnicos, de uma maneira que o esforço que desenvolve no manejo das máquinas não o aniquile.

A luta tem de ser iniciada, tal como se lutou outrora pela reivindicação de 8 horas. Os mártires de Chicago constituem um formidável exemplo para as nossas energias. A jornada de seis horas passa a ser uma reivindicação de reconhecimento imediato e por ela tem o proletariado de afirmar a sua vontade.

Informação do estrangeiro

A conferência econômica internacional

MOSCOVO, 30—Os soviéticos resolveram participar da conferência econômica internacional. O chefe da respectiva delegação é o sr. Oesiriski. Parece também assente que a Rússia tomará parte em outono na conferência do desarmamento afirmando-se também que vai nomear um observador permanente junto da S. D. N.—(L.).

PARIS, 30—Chegaram esta manhã a Paris os membros da delegação americana à conferência econômica internacional. E' presidida pelo sr. Henri Robinson.—(L.).

O ilião do tabaco

MELBOURNE, 30—O governo nomeou uma comissão encarregada de fazer estudos sobre a possibilidade da cultura do tabaco numa escala que produza o necessário para o consumo do país.—(L.).

Um tratado de comércio

GUATEMALA, 30—A assembleia nacional aprovou o tratado de comércio e amizade com a Pérsia, tratado que contém a cláusula de nação mais favorecida.—(L.).

Política agrária soviética

MOSCOVO, 30—O governo está elaborando um novo código agrário favorecendo as explorações colectivas.—(L.).

Os negócios de preciosidades

LONDRES, 30—Num leilão realizado, ontem, em Nova York, as primeiras edições com dedicatórias e manuscritos do conhecido novelista Joseph Conrad produziram a importante soma de 8.000 libras, tendo sido o "Chonche" comprado por 450 libras.—(L.).

A BRANCA CIDADE DO FUNCHAL

O seu aspecto, as ruas e as casas — Vegetação teimosa — O ruído da cidade e o ruído da floresta. Onde se fala do Progresso e da Natureza—Adivinha-se a alma de Roussau peregrinando de amor. As mulheres da ilha da Madeira—Evocam-se noites de lua—Camponeses, velhos, beatos e imbecis—A exclamação dum nefelibata e novo capítulo que se promete

A voz colorista dos embarcadouros espalhou pelo mundo a beleza da ilha da Madeira; criou-lhe uma fama quasi universal, que aguçava desejos a quantos a má fortuna — qual velho Caronte — não deixou passar ao de cá dos muros da sua terra.

E essa fama não engana. Ao chegar aqui, defrontando-se nos a cidade do Funchal, suavemente estendida no seu anfiteatro arqueado e emergindo, branca e alegre como um aglomerado imenso de pombais, do espesso verde da folhagem a estalar viçosa, parece-nos escutar ainda a voz que nos falou da ilha pela vez primeira.

A entrada, árvores ramalhudas nos dão as boas-vindas. As ruas são rasgadas em confusa geometria, e as casas, de paredes alvas e persianas verdes, vão dispersar-se pela encosta.

Em toda a parte a vegetação rebenta: por entre as habitações, espertilhando acima dos telhados; nos quintais, debruçando-se nos muros; à beira-mar, encostando-se na água; nas ruas, assomando às gelosias — e pelo monte em fora, emaranhada e compridada, linda, risonha, em cachos frondosos ou em franjas onduladas. Infinito mundo de asas e de ninhos, desafiando o largo oceano e o vasto firmamento!

A cidade, ciosa das suas condições, da sua beleza, da sua indolente cosmopolitana, pretende tornar-se mercantilista e buliçosa; mas não consegue, por mais que faça, que o ruído citadino abate esse outro e delicioso ruído, preponderante e vitorioso, que sobe dos campos cheio do ciclar das ramarias e do chilrear amoroso das aves.

Pelo seu clima sem rival, pela sua pujante arborização, pelo carinho familiar que se pressente em cada ramo, em cada fonte ou em cada pedra, como se a alma de Roussau vibrasse por aqui em peregrinação de amor — a ilha da Madeira não poderá ser aenhuma coisa mais do que uma soberba, uma deliciosa estância de repouso. Todos os arranjos em contrário serão nulos, e ainda bem. E' belo o progresso; mas é mais bela a Natureza. Transportar a Covilhã para o Bussaco seria absurdo. Que pensaria o pobre tecelão da sua sorte, a cada minuto interrompido pelo pipiar da passadeira livre ou pelo sonoro jazz-banda que durante as tardes calmas distrai os selvagens da elegância e da riqueza nos salões de hotel?

Mas deixemos isso: esta Madeira é doce e encantadora. Que doce paz aqui se goza, sob um ar macio, sem a nevrose que

se sente ao rodar do século nas cidades arripiadas pela luta seclere e brutal dos destinos!

Pelas ruas, calcetadas de seixos redondinhos, polidos como ovos pelo bater do mar nos areais, passa uma população característica, esparsa e rara: vendedores de bordados e postais estendendo para nós o taboleiro sugestivo; camponeses de blusa branca e saia azul olhando as lojas com apetite; homens de pé descalço e ágil, chapéu de palha desabado, arremangados de braço e perna; um velhote de côco de côr a ruminar filosofias, batendo na calçada a bengalinha de cana; ociosos elegantes (alguns de cara imbecil e colarinhos à mamã) atirando olhares superiores ao forasteiro; cidadãos pacatos e vulgares mascando o seu cigarro; alguma velha beata de chapéu de vidrilhos e capinzal secular levando nos dedos o rosário ao deparar-se com esse ar superficial que marca as gentes que apenas escapitam e seguem adiante, circulam dezenas de forasteiros das mais variedades nacionalidades, e as tripulações escanhoas dos barcos de guerra surtos no porto.

De minuto a minuto, temos de nos recolher a um portal para que passem os tradicionais carros de bois sem rodas, quasi sempre conduzindo pipas, arrastando-se como padiolas na calçada escorregadia das ruas estreitas.

A tinta preta dos letreiros comerciais (quasi todos em inglês) sobressa da cal branca das fachadas. As portas das lojas amontoam-se os mostrários onde em nenhum faltam as mobílias de verga que, com os vinhos, internacionalizaram a terra. Todavia esta exposição não corresponde a um movimento digno de nota: as lojas estão quasi vazias, de prateleiras arrumadas, como salas de visitas.

Por toda a cidade paira uma atmosfera de tranqüilidade e recato. E' raro assomar à janela uma cabeça, como raro se encontra na rua uma mulher; ruas e ruas se percorrem onde todas as casas conservam corridas as gelosias num recolhimento de monastério que faz alorlar a fantasia certas visões do passado lirismo romântico, por noites de lua, com mandolins e serenatas.

Por detrás das verdes taboinhas escondem-se, vendo sem serem vistos, meigos olhos e sorrisos amorosos. Lá devem estar, tendo o bordado sob um grupo de noivado, os pálidos dedos onde brota de quando em quando a pintinha de sangue que traz a pi-

cada da agulha; mas vêm os enormes paque-tes, rolam na cidade ranchos de forasteiros, e as mulheres da Madeira não se mostram...

O que que quere dizer tal abstenção de olhares? Talvez que a mulher do Funchal é recatada, coacta, ou tem vergonha. Se ama — ama, bem decerto! — é sem o alarde e a es- perteza feminina da época; ama como se amava ha cem anos, num amor provocado pela Soledade, no claustro dum convento ou na saleta da costura, através das figuras dum romance ou com resguardados amavios sob a ramagem... Julieta não se debruça ao seu balcão à luz do dia...

Deixemo-la bordar; deixemo-la sonhar... Percorrendo esta cidade encantadora, a primeira impressão que nos fica é que ela está refugiada em si mesma, indiferente a tudo o que passa.

Desde Tristão Vaz que tem visto os anos decorrerem vagarosos, entregue á sua própria vida por si trabalhando e progredindo.

Além da passagem das frota a caminho do novo mundo ou da Índia, não rasparam por cá desses grandes acontecimentos da História. Só a guerra submarina de ha pouco veio aqui cuspir alguns torpedos, como o caçador selvagem que atira às pombas.

Não saltam à vista vestígios de vulto militar que demudassem a rota dos povos,

Universidade Popular Portuguesa

Uma Sessão de Arte

Realizou-se neste instituto de educação, na noite de 28 do corrente, uma sessão de arte que agradeu aos que a ela assistiram, a ajulzar pelas manifestações calorosas que se fizeram.

Nesta sessão, organizada por uma comissão expressamente constituída, para esse fim, pelo sr. Armando de Lucena, laureado pintor que honra a arte portuguesa, e pelo sr. Rodrigo de Lemos, destacaram-se brilhantemente alguns temperamentos artísticos; que muito concorrem para embelezar o acto, como, por exemplo, Mlle. Alzira de Figueiredo, que cantou com muito sentimento, Mlle. Maria Manuela Côrte Real e Ferreira de Macedo, que dedilharam ao piano, com muita arte, os quatro trechos musicais do programa.

A sessão abriu, na 1.ª parte, com uma palestra do sr. Rodrigo Lemos, e na 2.ª,

com uma anedocta literária contada pelo mesmo senhor. Intercalando estes números, os srs. Marques e Castro e Adolfo Müller recitaram poesias de Camões, Francisca Júlia da Silva e Raimundo Correia, tendo o sr. Adolfo Müller ainda recitado um poema da sua autoria, «Eterna Primavera», que muito agradou, e que, especialmente, o seu autor escreveu para esta sessão.

Não queremos encerrar esta notícia sem aludirmos ainda ao «Poema da Flor», que foi ouvido com bastante interesse. O seu autor, o sr. Rodrigo de Lemos, escreveu-o expressamente para este serão e foi quem o recitou.

Todos os intérpretes foram muito festejados, cabendo com justiça uma parte dos aplausos a Mlle. Alberta Ferreira Pinto, que muito contribuiu para o bom resultado artístico da sessão, acompanhando ao piano.

E essa, para não taldar a harmonia da crónica, merece capítulo à parte.

ALFA

com uma anedocta literária contada pelo mesmo senhor.

Intercalando estes números, os srs. Marques e Castro e Adolfo Müller recitaram poesias de Camões, Francisca Júlia da Silva e Raimundo Correia, tendo o sr. Adolfo Müller ainda recitado um poema da sua autoria, «Eterna Primavera», que muito agradou, e que, especialmente, o seu autor escreveu para esta sessão.

Não queremos encerrar esta notícia sem aludirmos ainda ao «Poema da Flor», que foi ouvido com bastante interesse. O seu autor, o sr. Rodrigo de Lemos, escreveu-o expressamente para este serão e foi quem o recitou.

Todos os intérpretes foram muito festejados, cabendo com justiça uma parte dos aplausos a Mlle. Alberta Ferreira Pinto, que muito contribuiu para o bom resultado artístico da sessão, acompanhando ao piano.

REGRAS NATURO-VEGETARIANAS
por LHAU MASC ARAUJO
A' venda na administração de A BATALHA.—PREÇO 1\$50.

A TRIPLICE REALIDADE LIBERDADE... IGUALDADE... FRATERNIDADE...



A TRIPLICE ASPIRAÇÃO

I LIBERDADE

A Liberdade é a nova religião, a religião da nossa época.

HENRI HEINE

Liberdade! És a Vida, o Sonho, o Ideal, o Amor. Vives na luz, no som, no ar que se respira. Cantam-te no infinito as asas do condor, e eu ando-te a adorar no som da minha lira.

Tudo anseia por Ti, tudo por Ti suspira: o meu alado irmão no Azul; o sonhador; o leão na selva; o Mar... — tudo, excepto a Mentira, que essa não pode olhar teu rutilo fulgor!

Suprema aspiração da Natureza, instinto. O' Liberdade, ó Mãe, ó Deusa — ó Sol, pressinto que em breve irás raiar por sobre um Mundo Novo!

!Sonho, Ideal — serás, em breve, realidade!
!Não demores! ;Depressa, ó bela, ó Liberdade!
—; que quer noivar contigo o Prometeu — o Povo!

II IGUALDADE

A Vida não será suave e tranqüila, não será boa e bela, enquanto houver senhores e escravos.

MAXIMO GORKI

A Humanidade vive entre florestas de Ódio. O rico explora o pobre, e junte-o, impõe-lhe a canga do Capital sangrento. E se o escravo se zanga, o rico chama o Estado — o seu anjo custódio.

No mundo há guerra e dor. Como um colosso ródio, ergue-se no seu trono o Rei Milhão, em sangue. Duna parte, o patrão; da outra, o servo exangue. —!Por isso, o Homem é mau e no seu peito há Ódio!

Mas, a Tua visão, ó Igualdade, encanta. Ah, sim, Tu há-de vir pôr termo ao sofrimento que a Humanidade estiola e definha e quebranta!

Anda um prenúncio estranho a voar na asa do vento. Eu creio, eu creio em Ti, tenho o pressentimento de que virás em breve, ó Igualdade, ó Santa!

III FRATERNIDADE

O homem já não é francês, inglês, romano ou bárbaro. As fronteiras das nações demoram-se em pó.

LAMARTINE

Já lá vens a voar na asa da Boa Nova, que acaba de sair, vitoriosa, à rua. Aguarda-te o Poeta, ansioso porque rua o Trono do Milhão e surja a Era Nova.

!Visão a preantear no céu duma batalha, ó símbolo de Amor, de Paz, de Humanidade — vem, radiante, a fulgir por sobre a Humanidade, amaldiçoar a Guerra e o César que batalha!

!Fraternidade! !Ideal que ao coração estreito, terceira aspiração da Causa que eu abraço, ó meu Ideal de Amor, de Paz, de Redenção!

Diz quanto o amor da pátria é sanguinário, estreito, e unifica as nações num fraternal abraço —!para que Abel, enfim, perdoe a seu irmão!

Roberto das NEVES (Estudante de Letras)

VIDA SINDICAL

C. G. T. Comité Confederal

Nas suas últimas reuniões, foi largamente apreciada a situação dos presos sociais e da organização sindical de várias localidades. Foi resolvido que o Secretariado Nacional de Assistência Jurídica intensificasse os seus trabalhos no que se refere à libertação desses camaradas [presos. Em harmonia com essas resoluções, o secretariado respectivo tem feito bastantes demarches, cujos resultados não em porém sido, como seria para desejar. Quanto à situação da organização sindical, especialmente da que se encontra forçadamente encerrada, tem o Comité trabalhos em trânsito, atinentes a conseguir a normalização de vida desses sindicatos.

Apreciou também, o Comité Confederal, a aproximação do dia 1.º de Maio, e coe-rente com a orientação confederal e com a sua especial situação neste momento, resolveu enviar uma circular a todas as organizações que compõem a C. G. T., informan-do-as da necessidade de não realizar no corrente ano qualquer manifestação comemorativa do dia 1.º de Maio, e que essa atitude fôsse publicamente verificada como um protesto do proletariado português contra a situação que se atravessa. Essa circular já foi expedida, e o Comité Confederal tem visto, com bastante satisfação, o êxito que essas indicações têm obtido por parte de toda a organização. Igualmente a C. G. T. aproveitará o momento, para tornar públicos os seus pontos de vista referentes ao momento político.

Tem merecido a maior atenção do Comité Confederal a situação financeira da C. G. T. e de todos os seus derivados, para o que directamente tem instado com todas as Federações, Unões e Câmaras Sindicais, para que regularizem as suas contas com a C. G. T. Na circular que enviou à organização confederal sobre o 1.º de Maio, englobou também o assunto, tendo mais uma vez solicitado de todas as organizações, que tornassem tão normal quanto lhes fôsse possível, os pagamentos de cotizações, de maneira a permitir uma constante acção e propaganda confederal.

Comunicações

Pessoal de Câmaras da Marinha Mercante.—Reuniu-se a Comissão Administrativa e a Comissão Escolar. Apreciou-se vários expedientes ao qual deu o seu devido despacho. Tomou-se conhecimento das demarches que a comissão pró-reabertura do Sindicato em conjunto com o advogado da Organização teve junto das autoridades que se relacionam com este assunto.

Resolveu-se continuar nas demarches das quais julga obter resultado. Alvaro Ramos, aproveitando esta reunião e atendendo ao seu estado de saúde, lembra a necessidade de ser temporariamente suspenso da sua delegacia. Resolveu-se atender o pedido de Alvaro Ramos, temporariamente, e nomear Augusto Simões, membro da Comissão Administrativa. Mais se resolveu que as reuniões continuem nos dias marcados.

Convocações

PARA HOJE:
Associação de Classe dos Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa.—Reúne pelas 11 horas, em assembleia geral para eleição dos corpos gerentes, para o corrente ano.

1.º DE MAIO

Mais um ano que passa sobre a inolvidável tragédia ocorrida em Cartago na madrugada de 1.º de Maio de 1886.

Recordar esta data é evocar não só Lingg, Parsons, Engel, Spies, Fischer, Fielden — as vítimas inocentes de Chicago — mas todas aquelas que pelo seu gesto altruísta levantado se sacrificaram pela causa internera dos oprimidos. Nem só em 1886 a ladrauz burguesia mandou assassinar e perseguir. Fã-lo todos os dias, todos os anos. Manda reprimir a "revolução" quando a sua vontade o requer, manda assassinar quando o seu trono vacila e corre perigo. Portanto, evidentemente, a razão de ser do 1.º de Maio não é só a homenagem a prestar às vítimas de Cartago — é ás de todo o mundo.

O proletariado mundial vai mais uma vez, neste dia, mostrar aos agiotas e argentários, a toda a quadrilha da alta banca, que a sua fé pelos destinos de amanhã é de momento a momento, mais forte e irredutível. Hoje, que pelo mundo em fôra a reacção parece novamente querer reagir e avassalar tudo é necessário que esta data homérica seja comemorada com toda a força de que dispomos. Não se devem olvidar também aqueles que pelo seu Ideal sublime foram lançados no fundo das masmorras onde, sofrem os rigores do cárcere e as torturas do isolamento.

Américo RIBEIRO

Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa
Continuam ontem no Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa, a inscrição de desempregados nesta classe.

A comissão nomeada apreciou os elementos constitutivos da representação a entregar ao governo, entre os quais se conta o crédito há dias decretado para acudir á crise de trabalho.

A inscrição continua aberta na sede do Sindicato no largo de São Domingos, 11, 2.º (Palácio Almada), onde também a comissão se conserva em sessão permanente das 22 ás 24.

ASSINEM Os mistérios do Povo